

# 1 The Teaching of Philosophy in Technical High School: Writing of the Self as Problematising of Practices

3 Daniel Salesio Vandresen<sup>1</sup>

4 <sup>1</sup> Instituto Federal do Paraná

5 *Received: 13 December 2018 Accepted: 4 January 2019 Published: 15 January 2019*

6

---

## 7 **Abstract**

8 The present work aims to present the activity of writing of the self as an existential practice  
9 and that when developing as a problematising of everyday practices produces a new use of  
10 the technique in philosophy teaching. Part of this text is a synthesis of the reflections of our  
11 doctoral thesis and, on the other, the exercise of potentializing by means of writing of the self  
12 the practice the teaching of philosophy in the technological education of the Federal Institutes.  
13 Having as theoretical reference the philosophy of Michel Foucault, this work is developed in  
14 two moments: first, we describe about the teaching of philosophy in technical high school and  
15 then, we present Foucault's interpretation of philosophy as problematising of practices  
16 through the experience of writing of the self. Our objective initially is to present a diagnosis of  
17 the technical use of philosophy education in technological education, because philosophy  
18 becomes a technical procedure when seeking self-recognition in the production of truth and  
19 transmission of abstract content, a practice that leads to impoverishment of the experience of  
20 self.

21

---

22 **Index terms**— philosophy teaching; technical education; writing of the self; problematising  
23 The Teaching of Philosophy in Technical High School: Writing of the Self as Problematising of Practices  
24 inicialmente é apresentar um diagnóstico do uso técnico do ensino de filosofia na educação tecnológica, isto  
25 porque, a filosofia torna-se um procedimento técnico quando busca o reconhecimento de si na produção da  
26 verdade e transmissão do conteúdo abstrato, prática que conduz ao empobrecimento da experiência de si. Em  
27 seguida, defendemos que a escrita de si constitui uma atitude importante para se produzir uma tensão ética  
28 como prática da liberdade. Entendemos que essa atividade possibilita relacionar a escrita e a vida, a técnica e  
29 a subjetividade, a filosofia e a existência e, assim, problematizar um determinado uso da escrita apenas como  
30 transmissão técnica da verdade que ocorre na reprodução do conteúdo adquirido sem vinculação com um exercício  
31 de si.

32 Palavras-chave: ensino de filosofia; ensino técnico; escrita de si; problematização.

## 33 **1 I. Introdução**

34 objetivo desse texto é apresentar a escrita de si como um novo uso do ensino de filosofia, questionando a  
35 transmissão técnica da verdade e defendendo a problematização das práticas si como importante para se produzir  
36 uma tensão ética no exercício de si. Em nossa tese de doutorado (VANDRESEN, 2019) 1 1 O presente texto  
37 apresenta algumas das ideias defendidas em minha tese de doutorado "O ensino de filosofia no Ensino Médio  
38 Técnico: o exercício de si como modo de vida filosófica" (VANDRESEN, 2019) desenvolvida no período de 2015-  
39 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de  
40 Marília, sob a orientação do professor Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo. partimos da hipótese interpretativa de que  
41 a constituição da tecnicidade biopolítica da subjetividade moderna conduziu ao esquecimento da capacidade  
42 de exercitarse a si mesmo como condição de ultrapassagem do assujeitamento do indivíduo. É o que se

## 2 II. O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO

---

43 evidencia no ensino de filosofia quando predomina, seja pelo discurso ou pela escrita, a transmissão abstrata  
44 do conhecimento, pois nesse procedimento não se permite acontecer o exercício de si como prática da liberdade,  
45 nesse tipo de ensino se produz uma relação técnica em que a transmissão da verdade é apenas reproduzida sem  
46 produzir uma tensão ética importante para a problematização de si e para repensar as práticas O Keywords:  
47 philosophy teaching; technical education; writing of the self; problematization. Resumo-O presente trabalho tem  
48 por objeto apresentar a atividade da escrita de si como uma prática existencial e que ao desenvolver-se como  
49 problematização das práticas cotidianas produz um novo uso da técnica no ensino de filosofia. Parte desse texto  
50 constitui uma síntese das reflexões de nossa tese de doutorado e, outra parte, o exercício de potencializar por meio  
51 escrita de si a prática do ensino de filosofia na educação tecnológica dos Institutos Federais. Tendo como referência  
52 teórica a filosofia de Michel Foucault, esse trabalho desenvolve-se em dois momentos: primeiro, descrevemos sobre  
53 o ensino de filosofia no ensino médio técnico e depois, apresentamos a interpretação de Foucault da filosofia como  
54 problematização das práticas por Abstract-The present work aims to present the activity of writing of the self  
55 as an existential practice and that when developing as a problematization of everyday practices produces a new  
56 use of the technique in philosophy teaching. Part of this text is a synthesis of the reflections of our doctoral thes  
57 is and, on the other, the exercise of potentializing by means of writing of the self the practice the teaching of  
58 philosophy in the technological education of the Federal Institutes. Having as theoretical reference the philosophy  
59 of Michel Foucault, this work is developed in two moments: first, we describe about the teaching of philosophy in  
60 technical high school and then, we present Foucault's interpretation of philosophy as problematization of practices  
61 through the experience of writing of the self. Our objective initially is to present a diagnosis of the technical  
62 use of philosophy education in technological education, because philosophy becomes a technical procedure when  
63 seeking self-recognition in the production of truth and transmission of abstract content, a practice that leads to  
64 impoverishment of the experience of self. Next, we argue that writing of the self is an important attitude to  
65 produce an ethical tension as a practice of freedom. We understand that this activity makes it possible to relate  
66 writing and life, technique and subjectivity, philosophy and existence, and thus to problematize a certain use of  
67 writing only as a technical transmission of the truth that occurs in the reproduction of acquired content without  
68 being bound by a exercise of the self. Nesse sentido, para deslocar-se de uma crítica da técnica em seu uso se  
69 faz necessário pensar um novo modo de praticá-la ou nas palavras de Agamben (2007) fazer um "novo uso". Nessa  
70 relação imanente o essencial é a afeição que o usante recebe, em suas palavras: "a afeição que se recebe enquanto  
71 se está em relação com um ou mais corpos" (AGAMBEN, 2017, p. 48). O uso de si constitui em um modo de  
72 ser afetado em que não há um "eu" que se constitui como um antes e um depois do uso, isto porque, não sou  
73 eu que uso, mas uma relação que opera em mim. E com isso, entendemos que fazer um novo uso colocando em  
74 jogo o próprio usante constitui um processo de dessubjetivação em que as relações de afeição que nos atravessam  
75 conduzem nossa transformação. Ideia pela qual conduzimos nossa reflexão sobre a escrita de si, pois entendemos  
76 que por meio dela a filosofia se realiza como exercício de si e como um novo uso da técnica.

77 Destacamos ainda, que conduzimos nosso trabalho tendo como referência teórica a filosofia de Michel Foucault,  
78 principalmente a partir da noção de cuidado de si (epiméleia heautoû), a qual o autor entende como atitude,  
79 atenção e práticas de transformação de si por meio do exercício de si (2004a, p. 14). Com essas três ideias,  
80 resumimos os três elementos que Foucault propõe examinar durante o curso de 1982, intitulado A Hermenêutica  
81 do Sujeito (2004a), a propósito da noção de epiméleia heautoû: primeiro, como atitude para consigo, com os  
82 outros e com o mundo; segundo, uma forma de atenção/olhar que se realiza por formas de atenção ao que se passa  
83 no pensamento; e terceiro, um série de práticas como exercícios e meditações por meio dos quais se produzem a  
84 transformação de si (2004a, p. 14-15).

85 Desse modo, entende que o cuidado de si se "constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento,  
86 um princípio de permanente inquietude no curso da existência" (2004a, p. 11). Inquietação que conduz o  
87 indivíduo ao permanente exercício de si como forma de fazer da filosofia uma preparação. Contudo, cuidar de si  
88 não significa adquirir capacidades ou competências para fazer coisas, como é característico de nossa época, antes  
89 tem o sentido agonístico 2

## 90 2 II. O Ensino de Filosofia no Ensino

91 Médio Técnico de transformação de si. A partir da noção de cuidado de si, descrevemos a escrita de si como  
92 experiência agonística, isto é, como uma atitude de inquietação que faz da escrita filosófica uma problematizadora  
93 das práticas como forma de atenção ao presente e uma relação menos abstrata no ensino.

94 O exercício da filosofia no contexto da educação tecnológica de nível médio é o lugar em que inflexionamos  
95 para pensá-la. Com a proposta de pensar o ensino de filosofia no ensino médio técnico nos Institutos Federais 3  
96 2 Frédéric Gros cita uma passagem de Foucault, no dossiê Cultura de Si: "a agonística estrita que caracteriza a  
97 ética antiga não desaparece [...]. Ser mais forte do que si implica que se esteja e se permaneça à espreita, que se  
98 desconfie sem cessar de si mesmo, e que não apenas no decurso da vida cotidiana, como também no próprio fluxo  
99 das representações, se faça atuar o controle e o domínio" (Foucault apud GROS, 2004, p. 648). 3 Os Institutos  
100 Federais de Educação, Ciência e Tecnologia têm sua origem com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008,  
101 a qual cria os Institutos Federais e institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica,  
102 vinculada ao Ministério da Educação no âmbito do sistema federal de ensino. O ensino de filosofia na educação  
103 tecnológica dos Institutos Federais constituiu nosso lugar de fala e de experiência, com isso constitui o registro

104 no qual temos pesquisado e problematizado a relação entre filosofia e técnica, a produção da subjetividade e as  
105 relações de saber-poder biotécnicos.

106 , como um primeiro movimento, queremos contestar certo modo de colocar a filosofia que é aquela que se ocupa  
107 com determinado fim, ou seja, como um produto a ser alcançado, como por exemplo, a ideia muito presente nos  
108 planos de ensino de filosofia que se deve formar um sujeito crítico. Com isso, não se quer negar que a filosofia  
109 deva proporcionar um pensamento crítico. Antes, deve-se

Year 2019 Volume XIX Issue V Version I ( G ) Global

110 Journal of Human Social Science - © 2019 Global Journals

111 The Teaching of Philosophy in Technical High School: Writing of the Self as Problematization of Practices  
112 questionar: o que entendemos por crítica? E qual crítica devemos praticar? Desse modo, buscamos problematizar  
113 certo modo de se conceber a filosofia crítica, em que o modo como se entende a crítica geralmente está associada  
114 à formação de um pensamento racional que tem como capacidade o juízo sobre as coisas e como decorrência  
115 a representação do verdadeiro e do falso. A crítica como julgamento da verdade é fruto de uma determinada  
116 tradição crítica do pensamento que Foucault (2011, p. 268) denomina de analítica da verdade, em que se concebe a  
117 avaliação das condições do conhecimento como requisito para obter a representação da verdade e como conquista  
118 da autonomia do sujeito. Trata-se de uma concepção da crítica apenas em seu uso técnico, ou seja, com a  
119 formação de um sujeito crítico deseja-se a produção das competências de um indivíduo emancipado. E nisso, por  
120 meio de uma representação da verdade se produz um determinado tipo de sujeito governado.

121 No entanto, a partir da leitura de Foucault (2004b), entende-se a crítica como uma atitude que implica no  
122 próprio deslocamento do indivíduo, em um procedimento que tem por objetivo não o homem realizado em sua  
123 consciência de si, mas como atitude de "como não ser governado" e que conduz ao deslocamento do indivíduo  
124 nas relações de força. Em outro texto o autor afirma que o trabalho crítico implica "um trabalho paciente que dá  
125 forma à impaciência da liberdade" (2005, p. 351). Pensar a filosofia como um trabalho paciente de si, salienta a  
126 ideia de que o processo de problematização exige dar-se tempo e, assim, combater um ensino que alicerçado em  
127 produzir respostas visa apenas a economia de tempo.

128 Dessa forma, a experiência fundamental a ser problematizada no ensino de filosofia, principalmente em  
129 um ensino médio técnico, deve ser o da problematização de um determinado uso da técnica e das formas de  
130 racionalidade que produzem subjetividades. Postura que nos leva a pensar o ensino da filosofia não mais como  
131 preparação para uma objetividade, seja da verdade ou da racionalidade, mas como uma experiência em que o  
132 que está em jogo é a própria constituição de si. Segundo Gelamo (2009, p. 115) a filosofia torna-se um "saber  
133 técnico" quando transmite um tipo de conhecimento em que o objetivo é (re)conhecer a forma e o conteúdo de  
134 determinado pensamento. E isso tem levado ao empobrecimento da experiência da vida no ensino da filosofia  
135 (2009, p. 127). Em outro texto, Gelamo, ao tratar da filosofia como experiência ligada à vida e não à objetividade,  
136 afirma: "[...] o ensino da filosofia precisaria se dar como uma experiência de pensar e não como um vínculo às  
137 regras e às objetividades capazes de produzir um pensamento verdadeiro" (GELAMO, p. 2010, p. 397).

138 O ensino objetivo, alicerçado em técnicas de produção de resultado, tem como implicação moral a normatização  
139 do comportamento, fazendo com que o indivíduo se construa tendo como parâmetro a verdade a ser conquistada  
140 no final do processo. Isso significa dizer, que nesse ensino prevalece o reconhecimento de si no conteúdo, sem  
141 espaço para a problematização de si. Isso implica na criação de uma subjetividade em que seu comportamento  
142 moral não se constrói pela problematização do caminho percorrido, mas por modelos de verdade que tornam o  
143 indivíduo fechado aos problemas do seu presente e de si mesmo. A partir dessa perspectiva, o ensino de filosofia  
144 assume um papel bem definido como elemento técnico e moral, que se dá por meio da formação de determinadas  
145 competências críticas para educação do indivíduo emancipado. Contudo, é preciso pensar a filosofia como um  
146 modo de se desvincular da formação de determinadas capacidades e de suas relações de poder.

147 A partir da ideia apresentada por Foucault, se faz necessário pensar o ensino de filosofia como um modo de  
148 "desprender-se de si mesmo" (2012, p. 241), o que contribui para a formação de um êthos envolvido pelo devir  
149 do seu modo de pensar e agir. Nisso, o mais importante na formação não é a conquista de resultados, mas  
150 as experiências realizadas durante o caminho percorrido, ou seja, isso significa estar atento não aos "ganhos"  
151 de um processo, mas, sim, aos desvios e tropeços, imprecisões e erros que fazem parte de qualquer movimento  
152 do pensamento e da vida. Por isso, é importante também estar atento ao modo como se ensina filosofia, pois  
153 não é porque a filosofia carrega, pelo menos na visão de senso comum, o status de formação de pensamento  
154 crítico que necessariamente conduzirá a isso. Assim, é preciso pensar o ensino de filosofia como o lugar de  
155 conflito entre a prática de transmissão de saber objetivo e como modo de desprender-se de si que conduz a  
156 liberdade no exercício da arte de viver. No primeiro modo, a filosofia torna-se um procedimento técnico quando  
157 busca o reconhecimento de si na produção da verdade e transmissão do conteúdo abstrato, prática conduz ao  
158 empobrecimento da experiência de si. A técnica é um modo de proceder que visa a economia de tempo, em  
159 produzir com eficiência. O imediatismo da busca por resultados, característico de nossa modernidade tecnológica,  
160 leva o indivíduo a fuga de si e a elisão dos problemas existências. E a filosofia torna-se um procedimento técnico  
161 quando evita a problematização para priorizar a conquista de resultados. Quando no ensino de filosofia se evita  
162 a problematização de si, muitas vezes se acaba dando respostas prontas para perguntas mal formuladas.

### 163 3 III. A Escrita de si Como Problematização Das Práticas

164 Foucault comprehende a filosofia como um exercício do pensamento em que o resultado não é um produto, um  
165 pensamento pronto e acabado, mas deve tornar-se uma atividade de interrogação crítica em que o fundamental

### 3 III. A ESCRITA DE SI COMO PROBLEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS

---

166 é próprio movimento de dessubjetivação. Assim, desprender-se de si é movimentar-se em direção ao que dá a  
167 pensar, nisso pode ser entendido sua crítica ao saber:

168 De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos, e não, de certa  
169 maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida em que a  
170 questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente da que se vê, é  
171 indispensável para continuar a olhar ou a refletir (FOUCAULT, 2014a, p. 13).

172 De modo semelhante ao questionamento do saber realizado por Foucault no início da obra História da  
173 Sexualidade2: o uso dos prazeres, podemos perguntar: de que valeria o ensino de filosofia nas escolas, se tivesse  
174 apenas por função a aquisição, transmissão e reprodução do conhecimento e não, de certa maneira, produzir o  
175 desprender-se de si mesmopor meio das problematizações das práticas? Nessa perspectiva, o autor atribui outro  
176 sentido para se fazer a história da filosofia, a qual deve se realizar como um exercício problematizador que tem  
177 por objetivo "definir as condições nas quais o ser humano 'problematiza' o que ele é, o que faz e o mundo em que  
178 vive" (2012, p. 193). Assim, esse modo problematizador define a concepção de uma filosofia como "história do  
179 pensamento" e não uma história dos comportamentos ou das representações, isto porque o objetivo é realizar uma  
180 história da verdade que analisa "não os comportamentos, nem as ideias, não as sociedades, nem suas ideologias,  
181 mas as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir  
182 das quais essas problematizações se formam" (2014a, p. 17). E mais adiante, em relação ao seu projeto ético,  
183 afirma realizar "uma história das problematizações éticas, feitas a partir das práticas de si" (2014a, p. 19). Dessa  
184 forma, o modo como Foucault vai pensar esse exercício de diferenciação ética será definindo a problematização  
185 das práticas de si como o modo próprio de se praticar filosofia.

186 Ao relacionar o movimento da problematização com as práticas de si, Foucault indica que as práticas não são um  
187 fim em si mesmas, isto porque, no jogo de sujeição e resistência, ou são práticas que produzem ao assujeitamento  
188 ou são práticas da liberdade por meio do exercício crítico de si. Nesse sentido, o modo como Foucault comprehendia  
189 a atitude crítica estava ligada a constituição de um êthos como forma de não ser governado por práticas precisas.  
190 E segundo Foucault (2012, p. 264) o modo como os gregos problematizavam sua liberdade por meio de um  
191 trabalho de si é a maneira como pensaram a formação ética, ou seja, através da problematização das práticas  
192 de si é que se constitui o êthos. Por isso, para o autor a tarefa essencial é o de analisar como uma experiência  
193 torna-se problemática, como afirma:

194 A história do pensamento é a análise do modo como um campo de experiência não problemático, ou um  
195 conjunto de práticas, que foram aceites sem questionar, que eram familiares e "silenciosos", fora da discussão,  
196 se torna um problema, suscita discussão e debate, incita novas reações, e induz uma crise no comportamento,  
197 hábitos, práticas e instituições, anteriormente silencioso (FOUCAULT, 2001, p. 74, tradução nossa).

198 Desse modo, a tarefa do pensamento é questionar: como as práticas se tornam um problema? Desse modo, a  
199 problematização das experiências e das práticas não questionadas conduz a uma nova problematização em que seja  
200 possível a formação de uma vontade política de agir diferentemente por meio de outras práticas (FOUCAULT,  
201 2012, p. 243). E no texto de 1981, *Une histoire de la manière dont les choses font problème*, Foucault afirma  
202 que o seu interesse é realizar uma história das problematizações, "a história da maneira como as coisas se tornam  
203 problemas" (2014b, p. 107, tradução nossa).

204 A filosofia como experiência problematizadora é fundamental em Foucault. Em 1970, no texto *A Armadilha*  
205 de Vincennes (2011, p. 184-191) 4 Foucault descreve sua experiência com o ensino de filosofia. Afirma que na  
206 França a tarefa do professor de filosofia estava ligada a instrução pública, ensinar uma filosofia da consciência,  
207 do juízo e da liberdade, uma liberdade do pensamento e, como crítica dos limites e fundamentos do saber. No  
208 entanto, novos problemas aparecem para a filosofia e, então, se deve perguntar pela "apropriação e distribuição  
209 do saber", ou seja, trata-se de problematizar o modo como se produz o saber na sociedade. Com isso, Foucault  
210 desenvolve um modo de fazer filosofia que se contrapõe a função tradicional da filosofia. Sobre o seu modo de  
211 trabalharYear 2019 Volume XIX Issue V Version I ( G )

212 em Vincennes, Foucault descreve sobre dois modos de "hipocrisia possíveis" que recusaram como prática da  
213 filosofia: uma, que consiste em modificar as formas pedagógicas do ensino, sem nada mudar no conteúdo; e  
214 a outra, seria modificar o conteúdo, mantendo a forma tradicional do ensino. Em vez disso, praticaram uma  
215 filosofia como uma maneira de formular problemas em que a "experiência de uma liberdade" possa se dar através  
216 da problematização de dois grandes domínios do ensino: um dedicado à análise política da sociedade e, o outro, a  
217 análise de certo número de domínios científicos (2011, p. 190).Em sua experiência de Vincennes pode-se observar  
218 que Foucault desloca o tradicional modo de pensar o ensino da filosofia pelas preocupações técnico-pedagógicas  
219 do conteúdo e do método, para pensar outro modo de ensinar filosofia, a qual se realiza como uma maneira de  
220 problematizar diferentes domínios.

221 A filosofia entendida como problematização exige uma atitude de contraposição à ideia da transmissão da  
222 verdade, a qual implica em uma busca metódica para resolver problemas. Ao na problematização, coabitar  
223 os problemas não implica necessariamente em dar respostas, mas em um movimento de desprender-se de si  
224 mesmo. Colocar-se em um exercício de problematização das práticas lança o indivíduo em um jogo agonístico de  
225 constituição do êthos, em que não é possível distanciar-se de modo abstrato.

226 A partir desse horizonte teórico, entendemos que no ensino de filosofia quando predomina a transmissão  
227 abstrata do conhecimento na repetição do mesmo, seja pelo discurso ou pela escrita, não se permite acontecer  
228 o exercício de si como prática da liberdade, isto porque nesse tipo de ensino se produz uma relação técnica

229 em que a transmissão da verdade é apenas reproduzida sem produzir uma tensão agonística importante para  
230 a problematização de si e para repensar as práticas ético-políticas. Por isso perguntamos: como praticar uma  
231 filosofia para além da obrigação de falar e escrever que caracteriza nossa tradição filosófica, de uma escrita  
232 reproduutora e um discurso retórico sem vinculação com a vida que se exercita a si mesma? Em Foucault a noção  
233 descrita de si é uma prática que permite confrontar o uso técnico da escrita como reprodução do mesmo. No  
234 curso de 1982, Foucault ao tratar sobre a escrita de si afirma que há dois usos dessa escrita: um uso para nós,  
235 como um elemento de exercício que ajuda a implantar uma espécie de hábito e um uso para os outros, em que  
236 na forma de correspondências espirituais tinham por finalidade dar um ao outro notícias de si mesmo (2004a,  
237 p.432-433). Desse modo, a escrita de si constitui um novo uso de si, pois se trata de um modo de expressar-se  
238 pela problematização de sua experiência em que não é possível distanciar-se de modo abstrato.

239 Já no texto de 1983 -A escrita de si -Foucault, ao tratar sobre as correspondências espirituais entre os filósofos  
240 antigos, afirma que "a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim  
241 como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe" (2012, p. 150). Foucault ao estudar as cartas de  
242 Sêneca descreve que o objetivo era examinar a vida cotidiana para prepara-se diante de outros acontecimentos  
243 semelhantes. O exame da vida constitui um exercício que "[...] lança sobre si mesmo ao comparar suas ações  
244 cotidianas com as regras de uma técnica de vida" (2012, p. 157), isso significa que é preciso examinar a maneira  
245 como se vive tendo como referência a criação da arte de viver, ou seja, da construção da melhor forma de viver.

246 Desse modo, Foucault comprehende que a escrita tem uma função etopoiética que é o de transformar a verdade  
247 em êthos (2012, p. 144). Isto quer dizer que a escrita de si constitui em um exercício do pensamento transformado  
248 em um aprendizado da arte de viver, que Foucault denomina de estética da existência.

249 Nesse sentido, a escrita de si constitui um modo de problematização das práticas de si. É o que pode ser  
250 percebido na leitura que Foucault (2010) realiza sobre a Sétima Carta (ou Carta VII) de Platão, na qual o filósofo  
251 grego descreve sobre o fracasso de Dionísio na prova da filosofia, recusando a filosofia como exercício de práticas  
252 e escolhendo escrever um tratado de filosofia. Platão descreve: "[...] meu primeiro cuidado foi certificar-me se  
253 Dionísio era mesmo unha e carne com a filosofia" (1975, 340b) e explica que ele apesar de pretender-se filósofo  
254 não a praticava como atividade existencial.

255 Com isso Foucault comprehende a filosofia como exercício de si que se realiza por práticas. "Aquilo que a  
256 filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem  
257 relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia"  
258 (2010, p. 221). Ao interpretar a Carta VII de Platão (2010, p. 203-222), que trata sobre o relato de Platão sobre  
259 sua missão de conselheiro político na ocasião de sua segunda viagem a Sicília, Foucault percebe que o que está  
260 em jogo na missão de Platão é o próprio sentido da filosofia: não ser puro e simples discurso (logos), mas érgon  
261 (tarefa, obra). Assim, a Carta VII é para Foucault uma reflexão que trata sobre o real da filosofia, contudo, não  
262 o real enquanto parâmetro para medir se a filosofia é verdadeira ou não, mas da verdade como modo de vida. E  
263 cita o exemplo do homem doente relatado por Platão, demonstrando que, para que a filosofia não seja apenas  
264 discurso, mas realidade, precisa ter a mesma atitude do médico que busca convencer o doente a mudar seu regime  
265 de vida, ou seja, o que está em jogo é seu modo de vida cuja transformação evitará outras doenças (PLATÃO,  
266 1975, 330d).

267 Desse modo, quando observamos a leitura de Foucault dos exercícios espirituais da cultura grega do  
268 período clássico e do helenismo, percebemos a compreensão de que os diferentes exercícios espirituais conduzem a  
269 problematização das práticas de si. Sendo que a escrita de si como experiência agonística torna-se um instrumento  
270 fundamental para combater um ensino em que a repetição é associada como imitação, isto porque nesse processo  
271 de transmissão do conhecimento o indivíduo deixa-se operar pelos outros e sua resposta nada mais é que a  
272 reprodução da informação recebida.

273 Nessa perspectiva, Gelamo (2009) ao problematizar o ensino, principalmente o ensino de filosofia, constata  
274 que há uma valorização da experiência como imitação, o que não permite a experiência do pensar, esta que é  
275 uma maneira de afetar a própria vida filosoficamente. Para o autor, nesse tipo de imitação apenas se reproduz  
276 a experiência do outro em detrimento daquela que é feita por si mesmo, produzindo um empobrecimento da  
277 experiência e um enfraquecimento dos modos de vida e do pensar filosófico sobre a vida (GELAMO, 2009, p.  
278 127). Ainda, segundo o autor, o ensino que se dá como transmissão e não propicia a experiência do pensar, torna-  
279 se um saber técnico, pois visa a apenas dar condições ao estudante para a integração no quadro do progresso  
280 tecnológico e do mercado de trabalho (GELAMO, 2009, p. 115).

281 Assim, diferentemente da repetição como reprodução em que o indivíduo se deixa operar pelo comando do  
282 outro se tornando um sujeito autômato, na escrita de si como problematização cotidiana das práticas torna-se  
283 possível construir uma relação consigo capaz de transformar-se em um modo de vida outro. A atenção cotidiana  
284 com as práticas possibilita vivenciar experiências singulares, pois englobam atividades consideradas "triviais"  
285 para o pensamento abstrato. Dessa forma, a filosofia como problematização das práticas possibilita a repetição  
286 cotidiana do exercício de si e torna-se uma ferramenta importante porque rompe com a produção da normalização  
287 e permite recriar cotidianamente uma maneira singular de ensaiar a vida.

## 288 4 IV. Considerações Finais

289 Pensar a escrita de si no ensino de filosofia como problematização das práticas é realizar um exercício de si  
290 como uma experiência que relaciona a escrita e a vida, a filosofia e um novo uso da técnica, a subjetividade

#### 4 IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

291 e a existência, em contraponto a uma escrita que geralmente é utilizada apenas como reprodução do conteúdo  
292 adquirido sem vinculação com o presente. Por isso, por meio da leitura foucaultiana da escrita de si procuramos  
293 descrever uma inquietação de uma escrita filosófica problematizadora das práticas como forma de atenção ao  
294 presente e uma relação menos abstrata no ensino. Isso exige uma atitude de contraposição à ideia da transmissão  
295 da verdade, a qual implica em uso técnico do ensino por meio da busca metódica para resolver problemas. Ao  
296 contrário, na problematização, coabitar os problemas não implica necessariamente em dar respostas, mas em um  
297 movimento de desprender-se de si mesmo. Colocar-se em um exercício de problematização das práticas lança o  
298 indivíduo em um jogo agonístico de constituição do ethos, em que não é possível distanciar-se de modo abstrato  
299 como ocorre no uso técnico da transmissão-repetição do conhecimento. Assim, a escrita de si ao conduzir a uma  
300 experiência de inquietação existencial e uma problematização das práticas cotidianas constitui em um novo uso  
301 de si e um novo uso técnico da escrita.

302 Enfim, a tarefa ético-política do ensino de filosofia no ensino médio técnico é o de produzir a aprendizagem  
303 do exercício de si, proporcionando um cuidado que se realiza em exercícios cotidianos de problematização das  
304 práticas. É cultivando uma atenção cotidiana com a existência que se faz da escrita de si a experiência da vida  
305 arriscando-seem exercícios. <sup>1</sup> <sup>2</sup> <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>© 2019 Global Journals

<sup>2</sup>Nesse texto de 1970, Foucault enquanto responsável pelo Departamento de Filosofia, responde ao ministro da Educação Nacional (Olivier Guichard), o qual tinha como intenção não conceder licenciatura aos estudantes de filosofia de Vincennes, justificando que o conteúdo do ensino de filosofia era demasiado particular e especializado e não prepara o estudante para o ensino da filosofia. Para Foucault, o Sr. Guichard finge defender a filosofia, contudo, "na verdade, ele protege o velho funcionamento da cadeira de filosofia contra uma maneira de formular problemas que a torna impossível" (2011, p. 189, grifo nosso).© 2019 Global Journals

<sup>3</sup>The Teaching of Philosophy in Technical High School: Writing of the Self as Problematisatization of Practices

- 
- 306 [Educação Em Revista and Horizonte] , Belo Educação Em Revista , Horizonte . ago. 2010. p. .
- 307 [Foucault et al. ()] , M Foucault , Hermenêutica , Sujeito , Trad , A Márcio , T Da Fonseca E Salma , Muchail  
308 , São Paulo . 2004a. Martins Fontes.
- 309 [Agamben and Da Profanação ()] , G Elogio Agamben , Da Profanação . AGAMBEN, G. Profanações.  
310 Trad.Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo 2007. p. .
- 311 [Foucault et al. ()] , M Foucault , Arte , Epistemologia , Filosofia E História Da Medicina , Trad , L A Vera ,  
312 Ribeiro , Janeiro Rio De . 2011. Forense Universitária.
- 313 [Foucault and Ética (ed.) ()] , M Foucault , Sexualidade Ética . Política. 3. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês A.D.  
314 Barbosa (ed.) 2012. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- 315 [Gelamo] *A questão da experiência no ensino da filosofia: um problema contemporâneo*, R P Gelamo .
- 316 [Foucault (ed.) ()] *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*, M Foucault . Trad. Elisa  
317 Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro (ed.) 2005. Forense Universitária.
- 318 [Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências ()]  
319 <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm)>  
320 .Acessoem Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia,  
321 e dá outras providências, (Brasília) 2008. 2013. p. 21. BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de  
322 2008.Institui a Rede Federal de Educação Profissional
- 323 [Foucault and Speech ()] M Fearless Foucault , Speech . Los Angeles: Semiotext(e), 2001.
- 324 [Foucault et al. (ed.) ()] M Foucault , Governo De Si E Dos Outros . Editora WMF Martins Fontes, Collège De  
325 France, Eduardo Trad, Brandão (ed.) (São Paulo) 2010.
- 326 [Craia ()] 'Gilles Deleuze e a questão da técnica'. E C P Craia . Tese (Doutorado) -Unicamp, (Campinas) 2003.  
327 2003. 297.
- 328 [Foucault ()] *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*, M Foucault . 2014a. São Paulo: Paz e Terra.
- 329 [Gros (ed.) ()] *Notas e Situação do curso*, F Gros . FOUCAULT, M. A Hermenêutica do Sujeito. Trad. Márcio  
330 A. da Fonseca e Salma T. Muchail (ed.) 2004. São Paulo: Martins Fontes.
- 331 [Gelamo ()] *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser  
332 professor de filosofia*, R P Gelamo . 2009. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- 333 [Vandresen ()] *O ensino de filosofia no ensino médio técnico: o exercício de si como modo de vida filosófica*, D  
334 S Vandresen . 2019. Marília. Doutorado em Educação) -Universidade Estadual Paulista (2019. 166f. Tese)
- 335 [Foucault ()] 'O que é a crítica?'. M Foucault . *Crítica e Aufklärung*). In:FOUCAULT, M. *Por uma vida não  
336 fascista -Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Coletivo Sabotagem*, 2004b. p. .
- 337 [Agamben ()] 'O uso dos corpos'. G Agamben . Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo 2017.
- 338 [Platão. Sétima and Carta ()] Platão. Sétima , Carta . PLATÃO. *Diálogos: Fedro -Cartas -O primeiro Alcibíades*.  
339 Belém: Ed.UFPA, 1975. p. .
- 340 [Foucault] 'Une histoire de la manière dont les choses font problème.Cultures&Conflits, n.94/95/96'. M Foucault  
341 . <<http://conflits.revues.org/18897>>.Acessoem Été-automne-hiver 2014b, p. .